



Diálogos

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v20n2>

ISSN 2177-2940
(Online)

A2

ISSN 1415-9945
(Impresso)

Nova consciência histórica para o reconhecimento intercultural

RÜSEN, Jörn. *Cultura faz sentido: orientações entre o ontem e o amanhã*. Tradução de Nélcio Schneider. Petrópolis: Vozes, 2014. 362 p.

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v20n2.34579>

Hugo Hruby

Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

A editora Vozes apresenta a primeira edição em língua portuguesa de *Cultura faz sentido: orientações entre o ontem e o amanhã*, de Jörn Rüsen. Ao partir da cultura como tema-chave, o autor analisa a formação de sentido em diversas esferas da vida para além do pensamento histórico. A ampliação das reflexões, pelo entendimento do pensamento científico como atividade cultural, busca reabilitar a categoria do todo a fim de fazer frente ao etnocentrismo que limita a compreensão intercultural no mundo globalizado. A publicação reúne 13 textos do historiador alemão entre os anos de 2000 e 2005. Versões iniciais haviam sido publicadas como artigos em periódicos acadêmicos e capítulos de livros. Somente um texto é inédito. O livro foi lançado pela casa editorial alemã Böhlau, em 2006. Ainda não há opção em *e-book*.

Essa publicação vem ao encontro de outras no copioso momento no qual se encontram os estudos teóricos de História em nosso país. Pela própria editora Vozes, cito os volumes de ++*Teoria da História* (2011-2013) de José D'Assunção Barros e dos *Clássicos da História* (2012-2014) organizados por Maurício Parada. Já a editora Autêntica lançou a coleção

História e Historiografia com publicações de Michel De Certeau, Antoine Prost, François Hartog, Reinhardt Koselleck. Desse último, cabe mencionar *Estratos do tempo: estudos sobre história* (Contraponto e PUC-Rio, 2014), que dialoga com várias questões trabalhadas por Rüsen. Do profícuo José Carlos Reis, aponto *História da 'consciência histórica' ocidental contemporânea* (Autêntica, 2013). A complementação do clássico *Domínios da História* de Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (Campus, 2012), os segundos volumes de *Estudos de teoria da história e historiografia* (Hucitec, 2015) de Francisco Falcon e de *Nova História em perspectiva* (Cosa Naify, 2013) de Fernando Novais e Rogério da Silva são outros expressivos textos publicados recentemente e que ilustram a profusão editorial sobre os debates que tendem a fundamentar a produção do conhecimento histórico e científico. Infelizmente, muitas bibliotecas universitárias tardam em incorporar essas publicações aos acervos.

Jörn Rüsen (1938-) foi professor nas Universidades alemãs de Bochum (1974-1989) e Bielefeld (1989-1997). Nesta, entre 1994 e 1997, foi diretor do Centro para Pesquisa

Interdisciplinar (ZiF). De 1997 a 2007, presidiu o Instituto de Altos Estudos em Ciências da Cultura (KWI), em Essen, um dos centros mais destacados de investigação em Ciências Humanas. Permanece como pesquisador sênior desse instituto, coordenando projeto de pesquisa sobre humanismo na era da globalização. Possui vasta experiência interdisciplinar e há vários de seus textos publicados em inglês. No ambiente acadêmico alemão, sua obra dialoga com os desafios impostos ao *historismus*, nas décadas de 1960 e 1970, com as aproximações e afastamentos nos anos posteriores entre a História Social ‘ampliada’ e a ‘nova’ História Cultural e, associada a essas linhas historiográficas, com a releitura dos clássicos da Sociologia, em especial, Max Weber. O autor visa desenvolver uma teoria geral da história (*Historik*), uma metaperspectiva capaz de lidar com diferentes paradigmas da ciência histórica (*Geschichtswissenschaft*). Nessa teoria, a formação de sentido (*Sinnbildung*), por meio das experiências do tempo, assume posição fundamental contra o dogmatismo, o relativismo e o ceticismo.

Conhecido dos leitores brasileiros, sobretudo, pela trilogia *Teoria da História* (UnB, 2001-2007), desde os anos de 1980, Rüsen tem seus textos traduzidos para o português, tratando dessa temática. Em 2010, o autor fez palestras e concedeu entrevistas em vários centros acadêmicos no Brasil (Mariana, Brasília, Curitiba, Goiânia, Rio de Janeiro e São Paulo), abordando a meta-história e o humanismo. Em livro recente, *Jörn Rüsen e o Ensino de História*, organizado pelo Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná (2011), aborda-se a didática da História. Temos de colocar que se deve principalmente aos professores Estevão de Rezende Martins e Arthur Assis a difusão dos trabalhos de Rüsen entre os pesquisadores brasileiros. Ficamos no aguardo da tradução de seu último livro, *Historik, Theorie der Geschichtswissenschaft*, publicado em

2013, pela editora Böhlau. Servindo-se dessa aproximação tardia com a produção contemporânea germânica, seriam muito bem-vindas traduções dos textos teóricos de outros historiadores, como os de Hans-Ulrich Wehler e Jürgen Kocka.

Esse histórico de publicações permite aos leitores brasileiros lerem *Cultura faz sentido* familiarizados com denso vocabulário e instigantes reflexões. Isso, entretanto, não significa mera releitura de textos retocados. Na verdade, há aprofundamento conceitual, rearranjo de sistematizações e ampliação das perspectivas históricas. Os textos foram alocados em quatro blocos: 1) Apropriações da tradição; 2) Impulsos do pensamento histórico; 3) A cultura da ciência; 4) Potencialidades da formação de sentido. Como se trata de coletânea, a leitura fora de ordem das partes não atrapalha a compreensão do todo. Iniciantes nos estudos dos textos de Rüsen devem atentar que a explicitação de alguns conceitos-chave (cultura, historiologia, sentido, ciências da cultura e *cultural turn*) somente se dará para além das páginas intermediárias. O uso de notas de rodapé permite acompanhar os debates bibliográficos sem que se perca o ritmo de leitura. Lamentavelmente, grande parte da bibliografia não está traduzida para o português.

Na primeira parte, deparamo-nos com a atualidade dos pensamentos clássicos de Immanuel Kant (1724-1804), Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781) e Johann Gustav Droysen (1808-1884). O texto-chave de Kant, *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita* (1784), serve de base para Rüsen começar a discussão sobre a plausibilidade da identidade europeia. Assim, por meio da renovação da abordagem universalista, almeja nova cultura do reconhecimento mútuo das diferenças. Com *Educação do gênero humano* (1780), de Lessing, os problemas quanto à identidade são ampliados. Rüsen estuda a possibilidade de reconhecimento da individualidade sob a unidade da humanidade a partir da crítica da tolerância religiosa. Os

critérios históricos de sentido e a categoria de humanidade nas reflexões teórico-metodológicas de Droysen são apropriados no final desse primeiro bloco.

A complexidade do fenômeno da memorização abre a segunda parte do livro. A partir da experiência no pós-Segunda Guerra Mundial, Rüsen esboça modelo teórico para responder às questões atinentes aos contextos práticos de utilização e dos efeitos orientadores da cultura memorativa alemã. Os estudos sobre os crimes nazistas e a reunificação das Alemanhas proporcionam elementos para auxiliar o Ocidente na busca do autoentendimento histórico, isto é, a cultura histórica alemã poderá contribuir para a construção de nova cultura histórica de reconhecimento intercultural. E nessa relação com outros, para lidar com experiências históricas negativas, há necessidade de estratégias cognitivas que envolvam luto, moral e perdão. Na parte final do bloco, o autor retoma e amplia questões trabalhadas nos capítulos iniciais do livro, como teologia, didática, facticidade e ficcionalidade, e em outras de suas publicações, como a operante matriz disciplinar do pensamento histórico (*disziplinäre matrix*).

No terceiro conjunto de textos, Rüsen parte da indagação: o que significa estudar as ciências da cultura e para que estudá-las? Ao respondê-la, apresenta sua perspectiva da virada científico-cultural nas ciências humanas – *cultural turn* – e dos debates daí decorrentes em torno do conceito de cultura. A fecundidade heurística desse conceito possibilitou, de maneira nova, a demarcação de campos temáticos e a rearticulação interdisciplinar. Mesmo proporcionando novas chances de conhecimento, o autor adverte a respeito dos perigos da falta de clareza teórica que poderão reduzir o potencial cognitivo da cientificidade, diluir os limites entre as disciplinas e gerar incertezas entre a argumentação racional e ficcional. Não se pode perder de vista que, como pano de fundo dessas discussões, está o papel

das ciências, elemento essencial no processo de busca da verdade, e da Universidade, um dos lugares onde isso acontece.

A quarta e última parte do livro problematiza a conversão do tempo em sentido, o reconhecimento religioso da diferença cultural e a necessidade de perspectivas utópicas para dar sentido sustentável ao nosso agir. Creio que com a abrangência e a densidade, esses textos transparecerão ao leitor como os mais ambiciosos, perturbadores e estimulantes. O tempo – categoria fundamental do humano e do não humano – é dimensionado, diferenciado e carregado de sentido. Nessa perspectiva, diferentes lógicas da formação de sentido a respeito da experiência do tempo engendram tipos variados (mito, místico, contemplativo, histórico). O sentido, como resultado da interpretação, não exclui ser ele próprio interpretado. De acordo com Rüsen, há também o desafio de se reinterpretar o tempo no sentido do tempo, ou seja, refletir sobre o próprio trabalho de interpretação no modo de lidar com a formação cultural de sentido. Em razão disso, a reinterpretação de experiências temporais poderá auxiliar quando o contrassenso, a falta e a destruição de sentidos são invocados.

O autor demonstra sua preocupação com países cada vez mais interligados, porém, paradoxalmente, cada vez mais estranhos uns aos outros. Como conceber o singular por meio de concepção que inclui os outros? É possível pensar a unidade da humanidade na multiplicidade de culturas? A oposição entre humanidade e individualidade é intransponível? Como anular a assimetria normativa do etnocentrismo? As respostas não são simples e as sugestões do autor são de reflexão profunda, partindo da experiência alemã, a fim de contribuir com a construção da União Europeia com vistas ao reconhecimento recíproco da diferença cultural entre Ocidente e Oriente. O ano de lançamento do livro, no Brasil, revela-nos muito sobre os desafios da europeização da cultura histórica alemã: cem anos do início da

Primeira Guerra Mundial, 75 do começo da Segunda e 25 da queda do muro de Berlim.

Os comentários de Rüsen, apesar de anteriores à crise econômica de 2008 e ao agravamento das ações fundamentalistas pós-Bin Laden, fazem-se ouvir em momento delicado das relações internacionais e intranacionais, em especial no Velho Mundo. A união dos europeus em torno do ambicioso projeto de unificação, tendo a Alemanha como carro-chefe, está sob intenso fogo cruzado. O inglês, o alemão, o italiano, o francês, todos se veem envoltos num turbilhão identitário, cuja solução apregoada está no fechamento de fronteiras e na explosão da xenofobia. Os atuais desafios econômicos são inflamados pelos traumas bélicos do passado recente. A Grécia se posta de vítima das expropriações alemãs durante a Segunda Guerra Mundial e pleiteia indenizações. Fora da União Europeia, mas ainda como questão europeia, nacionalismo, identidade étnica e religião continuam latentes após a Guerra da Bósnia (1992-1995) e da intervenção russa na Ucrânia (2014). As diferenças culturais se sobrepõem às similitudes e, assim, rompem os elos do frágil mosaico europeu.

A leitura de estimulantes livros de reflexão histórica permite descortinarmos realidades próximas que requerem nova postura investigativa. Os textos de *Cultura faz sentido* nos motivam a pesquisar, ponderar e ler sobre, por exemplo, a reconstrução identitária em nosso país. Atualmente, a imagem de ‘ser brasileiro’ está sendo reelaborada pelo número considerável de imigrantes, por generalizações partidário-eleitorais de regiões inteiras, por número expressivo de ateus e não católicos no país, que sempre se viu majoritário em sua fé, pelo perdão na relação vítima-criminoso, após a publicação dos relatórios da Comissão Nacional da Verdade.

Instigante seria traduzirmos para nossa realidade algumas das perguntas de pesquisa atinentes ao passado alemão citadas, pelo autor,

em suas perambulações para entender, tolerar e integrar o diferente: 1) Quais acontecimentos da história brasileira, nos últimos cem anos, deveriam continuar a ser lembrados? 2) Os brasileiros deveriam colocar ponto final na preocupação com os ‘anos de chumbo’ (1964-1985)? Urge nova consciência histórica para o reconhecimento recíproco das diferenças entre brasileiros, pois, talvez, ela possa igualmente auxiliar a inserção do Brasil de forma mais ativa e responsável no contexto internacional.

Ao clamar por nova valoração na conexão entre passado e futuro com o intuito de se abrir outra dimensão supranacional de entendimento histórico, Rüsen não escreve somente para historiadores. Seu livro pode ser lido por todos que buscam competência especializada ligada à competência reflexiva sobre o sentido do pensamento científico no universo das ciências culturais. E, nessa busca, sob constante preocupação com a didática da História, seria sensato repensarmos nossa prática docente. Deixemos de ensinar respostas em demasia aos nossos estudantes e orientemo-los a perguntar de modo sistematicamente histórico. E, dessa atitude, espaços de experiência reinterpretados abrirão novos horizontes de expectativas. A fim de evitarmos a dialética da destruição, quiçá consigamos perspectivas utópicas para o nosso mundo, tão pleiteadas pelo autor, para dar sentido sustentável ao nosso agir.